

Encarada em conjunto, a obra resulta uma história detalhada da Falange Espanhola, ao longo das vicissitudes e metamorfoses por que vem passando. Desta forma, e preenchendo o desiderato inicial, constitui-se num elemento indispensável para, ao lado de novas contribuições voltadas para a análise dos outros setores da vida política espanhola, se empreender uma visão de conjunto. Outra foi a perspectiva adotada por Hugh Thomas que tentou diretamente um balanço global, no seu belo livro sobre a guerra civil. Ambas nos parecem válidas. Na obra de Stanley Payne, é de salientar-se também o rigor técnico e metodológico com que foi executada, característico aliás dos trabalhos universitários norte-americanos: investigação segura de fontes de vária natureza, incluindo, o que é assaz significativo, entrevistas com alguns dos atores do drama (seríamos tentados a dizer “tragédia”) da Espanha de nossos dias. A preocupação de manter a objetividade em meio a um tema explosivo foi valentemente observada, diríamos que até mesmo em excesso, pois em alguns passos faz declinar o espírito crítico. Assim, a atitude empática com que aborda sempre a figura de J. A. Primo de Rivera, personalidade irrecusavelmente marcante, leva talvez imperceptivelmente o autor a procurar isentá-lo de muitas posições assumidas pelos seus seguidores, ou mesmo a afirmar (p. 77) que, apesar de manter um retrato autografado de Mussolini no seu escritório, José Antônio não tinha nenhum respeito pessoal pelo líder italiano.

Além disso, parece-nos que a preocupação em si mesma louvável de preservar a objetividade, conduziu o autor a manter-se no plano puramente descritivo em longos trechos, introduzindo assim certa desarmonia no conjunto da obra. A delimitação do tema, por outro lado, foi levada a efeito, a nosso ver, com excessivo rigor: tudo o que não dizia respeito diretamente ao objeto de análise foi relegado a um pano de fundo um tanto nebuloso. Por exemplo, o impacto da crise econômica geral, de 1929, sobre a Espanha merecia uma análise atenta em suas relações com a queda da monarquia, e não uma simples menção. Na realidade, afigura-se-nos que este é um problema de ênfase e perspectiva que não foi bem compreendido; era indispensável repensar o conjunto à base do segmento estudado, e isto não foi feito. São estas, entretanto, imperfeições que, a nosso ver, não anulam o valor da contribuição, que procuramos destacar acima.

FERNANDO A. NOVAIS

*

* *

Amazônia — Bibliografia. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, 1963, 832 págs.

A Amazônia tem sido, desde o povoamento inicial do Brasil, um permanente desafio à iniciativa oficial e particular, nacional e estrangeira. Dessa situação nasceu, como era de esperar-se, um especial

interêsse, como nenhuma outra área do país conseguiu provocar, dando resultado por sua vez a uma bibliografia das mais vastas, que tem vasculhado aquela região em todos os sentidos e domínios cognoscíveis, numa abordagem que tenta responder assim ao desafio que ela lançou.

Justamente para o levantamento dessa bibliografia de quase quatro séculos, obra esmorecedora, não apenas pelo volume, mas pela sua complexidade, como também pela inacessibilidade de muitos textos, é que vêm de congregar-se três das mais importantes instituições de investigação científica que possuímos, ou seja, o Conselho Nacional de Pesquisas, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação e o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.

O resultado é este alentado volume, extraordinário cometimento, cuja publicação não deve passar despercebida dos cientistas brasileiros, pelo que ela representa como pesquisa, além de constituir excelente instrumento de trabalho, compreendendo quase tudo quanto se pretenda estudar da Amazônia: geografia, folclore, história, geologia, botânica, zoologia, literatura, economia, etnografia, etc., etc.

Arrolando nada menos de 7.688 títulos, em louvável critério seletivo e obedecendo nos mínimos detalhes às convenções que disciplinam a moderna bibliografia, o volume foi elaborado dentro da Classificação Decimal Universal, o que o torna sem dúvida da mais alta valia para todos os pesquisadores, movidos que estejam pelos mais diferentes objetivos de trabalho. Além do mais, a bibliografia inclui índices de autores e de assunto, o que dá ainda maior facilidade ao consulente.

Esse inventário, compreendendo a coleção e seleção dos mais diversos tipos de fontes de interêsse para a Amazônia, levou nada menos de nove anos de trabalho. Nêle estão insertos desde as próprias bibliografias amazônicas já publicadas, até os textos de lei, os diários de viagem, as comunicações de pesquisa e as monografias de alto nível, os artigos de jornal; enfim, desde a ciência até a ficção, tudo quanto se escreveu nas mais variadas línguas num dilatado período que vai de 1614 a 1962.

Assentada no trabalho pioneiro do etnógrafo Rodolpho R. Schuller, do Museu Paraense "Emílio Goeldi", que levantou 1.897 títulos para uma **Bibliografia Amazônica**, a obra agora editada pelo IBBD ampliou de maneira impressionante aquêlê rol, inclusive corrigindo-o.

Reconhecendo que dificilmente pode publicar-se em caráter definitivo uma biografia, seja ela sinalética ou analítica, o IBBD já anunciou uma nova edição revista e aumentada desta da Amazônia, abrindo assim a possibilidade de todo estudioso colaborar, remetendo informações que possam enriquecer ainda mais o inventário ora publicado.

Coroamento digno da obra será realmente a preocupação de reunirem-se no futuro todos os textos relacionados na Bibliografia para a formação de um **Centro de Informações Científicas da Amazônia**,

conforme a inteligente sugestão que vai contida no seu Prefácio. Assim, também a transformação dessa bibliografia em analítica numa próxima edição, seria dar uma nova e custosa dimensão a um trabalho já de si tão merecedor do mais franco e caloroso acolhimento.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA